

## SARAH BODMAN



Publicar e ser danado: como ser  
um editor institucional *underground*

Tradução: Denise Spier

## RESUMO

O Centre for Fine Print Research (CFPR, Centro para Pesquisa da Gravura) da University of the West of England, Bristol, Reino Unido, publica material de referência em gravura contemporânea e áreas afins para um público internacional. Três de suas publicações estabelecidas abordam os livros de artista: *Artist's Book Yearbook*, bienal, *The Blue Notebook*, revista especializada em livros de artista, e o *Book Arts Newsletter*, boletim especializado para acesso gratuito na internet. No presente artigo, a editora destas três publicações reflete sobre como elas foram implantadas e sobre alguns sucessos, provações e atribulações de publicar sob um selo institucional. Da concepção, conteúdo e projeto gráfico, do financiamento, impressão e distribuição da cópia impressa ou *download* da digital, até sua base internacional de leitores.

## PALAVRAS-CHAVE

Livros de artista. Publicar. Institucional.  
Arte do livro. Distribuição.

## PUBLICAR E SER DANADO: COMO SER UM EDITOR INSTITUCIONAL UNDERGROUND

2011 é um ano de comemorações para nossas publicações de referência aqui no Centre for Fine Print Research (CFPR, Centro para Pesquisa da Gravura), o qual assiste ao 10º aniversário do *Artist's Book Yearbook* (ABYB), de nossa editora *Impact Press*<sup>1</sup>, e o 5º aniversário de nossa revista especializada *The Blue Notebook*. Nossa publicação mensal, o *Book Arts Newsletter* (BAN) é sem par, com nove anos de idade. Quando Paulo Silveira me convidou para escrever sobre como nossas publicações são mantidas pela universidade, minha primeira reação foi sorrir e dizer que eu não poderia, porque eu não seria capaz de dizer a verdade. A resposta de Paulo foi que as pessoas poderiam querer saber que elas não estão sozinhas em sua constante superação de dificuldades, e que eu deveria contar a elas sobre a realidade de nossa luta.

E isto realmente me fez pensar. Não quero dizer que não recebemos todo suporte da universidade, porque naturalmente recebemos, nós temos pago os trabalhos e os livros que publicamos são parte disso, logo nós não estamos lutando para pagar nossos ordenados (embora eu possa estar em breve, se isso for lido pelas pessoas erradas). Meu ponto é que Paulo estava certo. Eu não quero ser desonesta e dizer que é fácil, pois se outros lerem isto e pensarem que nós publicamos tudo de maneira tão simples, enquanto eles acham tão difícil, por que se preocupariam em tentar? Eu me sentiria muito culpada se isso acontecesse, caso alguém não desse início a um periódico ou não publicasse um livro por sentir que não conseguiria fazê-lo sem o tipo de “suporte” que nós recebemos. Então, aqui está, uma breve história de como publicar e ser danado.

O ABYB foi fundado em 1994 por Tanya Peixoto, John Bently, Stephanie Brown e Stefan Szczelkun, a partir de uma necessidade de oferecer aos artistas do livro uma oportunidade para leitura de ensaios críticos de escritores e artistas, para obter uma panorâmica da produção de livros de artista e, sobretudo, para incentivar uma maior discussão e conscientização sobre a arte do livro. Tanya Peixoto publicou o ABYB sob seu próprio selo *Magpie Press* até 1999, quando ela abriu *bookartbookshop*<sup>1</sup> em Londres, um local especializado em livros de artistas. Nós assumimos a partir de Tanya, com Tom Sowden como editor de arte e eu mesma como editora, com um pequeno subsídio

<sup>1</sup> A livraria de Tanya Peixoto, *bookartbookshop*, pode ser acessada em: <http://www.bookartbookshop.com>.

de nossa universidade para cobrir os custos de impressão da primeira edição (Tanya já havia me advertido que nunca faríamos dinheiro com o ABYB). Nossa primeira edição foi publicada no âmbito de nosso centro, pela Impact Press, em 2001. Com o crescimento da atividade internacional com livros de artista, nos últimos dez anos o ABYB gradualmente triplicou seu tamanho para 254 páginas, e este ano, ao lado de ensaios e listas de referência, recebemos uma incrível lista de inscrição de mais de 600 livros de artista de 207 artistas nacionais e internacionais. Tanya Peixoto e John Bently continuam a contribuir com um ensaio ou uma panorâmica para cada edição.

O ABYB<sup>2</sup> serve como uma fonte para artistas, acadêmicos, estudantes, colecionadores, livreiros, distribuidores, editores e pesquisadores. Cada edição inclui ensaios e informação sobre muitos aspectos da arte do livro, com ensaios críticos, entrevistas, informações sobre galerias, arquivos e coleções, cursos, eventos, periódicos especializados, bibliografias e publicações de referência, estúdios e websites, com colaboradores de todo o mundo. Reunir as informações que publicamos é um processo contínuo; quando descubro algo de interesse, um novo artista, local, coleção, etc, salvo as informações para incluir na próxima edição. Divulgamos uma chamada de participação em janeiro (todas as inscrições são gratuitas) e à medida que as inscrições são feitas, eu as edito e formato para adicionar ao meu padrão no InDesign. Entrementes, eu convido escritores para contribuírem com ensaios e Tom Sowden projeta a capa (fig. 1) e convida artistas a produzirem obras para página [artwork pages ou artist's page]. Estas contribuições são pagas com apenas alguns exemplares da publicação acabada e com nossa imorredoura gratidão, uma vez que não temos orçamento para qualquer ostentação, tais como comissionar escritores ou pagar artistas, tudo é conseguido através da boa vontade. Na verdade, montar e editar a publicação me toma de três a quatro semanas adicionais, frequentemente encaixado entre muitos outros trabalhos que precisam ser feitos. Minha posição na universidade me permite o luxo de fazer isso como parte do meu trabalho, algo que Tanya nunca teve como editora independente, e eu sei que sou muito afortunada. Este luxo também pode ser compensado às vezes, mesmo com as idiossincrasias dos mecanismos institucionais. Como sou eu que começo a estruturar o ABYB para imprimir, eu mesma já me armo para a próxima batalha com o departamento gráfico da universidade.

Embora sejamos o Centre for Fine Print Research, o departamento gráfico é uma fortaleza em design, produção e impressão de tudo que é considerado assunto oficial da universidade, e não acredito que como artistas nós possamos projetar ou imprimir qualquer coisa melhor do que eles (ou com o mesmo efeito). Todas as



Figura 1. Capa da edição 2012-2013 do *Artist's Book Yearbook*, projeto de Tom Sowden, editor de arte.

vezes, tenho que iniciar alguns meses antes da impressão do livro, já que parto do princípio de projetá-lo eu mesma e de tê-lo impresso por profissionais de fora do Centro. Segue-se uma trilha labiríntica de *e-mails*, anotações, telefonemas, acordos, recusas de acordos, re-acordos, de papelada “perdida”, atrasos e obstáculos em geral; mas depois de três meses, eu, afinal (pelo menos até agora), venço e obtenho o livro impresso pela gráfica que eu queria, quando alguém por fim se compadece, ou se distrai, e assina a autorização para a ordem de trabalho. As gráficas externas que usamos não “melhoram” o *design* de Tom ou o meu, nem rearranjam as páginas ou mudam fontes tipográficas para cumprir seu protocolo, nem adicionam um monte de suas logomarcas ou alteram a capa para seus padrões de cores vermelho e cinza, também não assinam eles mesmos a prova do livro redesenhado sem antes mostrarem-na a mim. Tendo entregue o arquivo à gráfica de minha escolha, eu, então, passo as três semanas seguintes preocupada que a universidade possa decidir cancelar o pedido, ou então, depois dos trabalhos terem sido entregues, recusar-se a pagá-los. Uma vez que o livro é impresso e pago, eu posso então começar a postá-lo para fora em pequenos lotes, eu mesma, por segurança. Nós publicamos o *ABYB* a cada dois anos, assim eu não tenho que passar por esta batalha todo ano, e vender cópias durante dois anos acumula fundos o bastante para praticamente cobrir os custos de impressão da edição seguinte. Assim é como tem sido desde o início, e continua sendo, nós nunca iremos obter lucro, e ele só pode existir porque eu posso publicá-lo de dentro de uma instituição que me permite editá-lo como parte de meu cargo. Enquanto pudermos vender cópias suficientes para pagar a próxima edição, podemos prosseguir indefinidamente, e isto é o mais importante para mim.

O Informativo *Book Arts Newsletter*<sup>3</sup> (BAN) é a nossa folha de notícias gratuita, que começou como uma peça única de papel utilizada para divulgar nossas exposições aqui na universidade, mas que rapidamente se transformou em um boletim informativo de exposições, feiras, conferências, cursos, novas publicações e relatórios de todo o mundo, enviados por artistas, escritores, organizadores, etc. Ele agora tem em média trinta páginas por edição e é publicado a cada quatro a seis semanas. Apesar de sempre termos cada edição arquivada *online* como um PDF colorido para qualquer um baixar, ele ainda é fotocopiado e enviado para uma pequena lista de endereços que também cresceu de algumas centenas para mais de 2000. Mas o sucesso da versão gratuita de papel foi também a sua ruína. A universidade havia concordado, em 2005, em assumir a fotocópia e o envio, uma vez que eu não tinha tempo para fazer isso a cada mês. Todo mês eu enviaria a cópia com etiquetas pré-endereçadas e um pedido para o departamento gráfico oficial (sim, aquele mesmo), e eles fariam cópias e enviariam o informativo para endereços em todo o mundo. O que eu não sabia era que toda a vez que faziam isso, eles cobravam da universidade 7.000 libras esterlinas pelos seus serviços. Porque toda fotocópia de cada escola era cobrada como um total e não

3  
*Book Arts Newsletter*, ISSN 1754-9086; edição atualizada e anteriores em: <http://www.bookarts.uwe.ac.uk/banlists.htm>

desmembrada por trabalhos específicos, só quando alguém mais acima questionou as enormes somas que estavam sendo pagas, e pediu a elas uma lista especificada, que isso foi descoberto. Eu recebi uma ligação, precisamente quando uma edição estava em andamento, para ser informada de que essa seria a última. E era isso. Eu temi ter que dizer às pessoas que não poderíamos enviar exemplares em papel nunca mais e que elas teriam que baixar pela internet suas próprias cópias; mas surpreendentemente, muitas pessoas foram compreensivas e solidárias. Levou uma eternidade para enviar uma nota a cada um de minha lista para dizer-lhes que eu não poderia mais postar nenhum exemplar e que estava transferindo seus endereços postais para um grupo de e-mails que estava criando, porém consegui obter uma resposta de quase todos de que estaria tudo bem eu enviar-lhes um aviso de disponibilidade *online* todo mês. Muitos disseram preferir mesmo o *download*, até como uma forma de poupar papel, e agradeceram a universidade por ter enviado os informativos por tanto tempo. Alguns até postaram ou enviaram por e-mail tributos de despedida<sup>4</sup> para a agora extinta versão em papel. Foi tudo muito animador, já que um desastre súbito como esse, na verdade, foi se transformando em algo que poderia talvez funcionar melhor. Agora que só posso publicá-lo *online*, posso acrescentar muito mais informações e ter imagens em cores. Ele ainda é publicado com qualidade para impressão, assim as pessoas podem imprimi-lo se quiserem, e eu sei que alguns realmente o fazem. Isso também significa que eu posso ter prazos maiores para cada edição, já que não preciso gastar tempo com cópias e postagem, o que costumava tomar semanas através do sistema. E a palavra parece se espalhar muito mais rápido pela internet, sendo que agora temos muito mais pessoas na lista de distribuição do BAN para a versão eletrônica do que a versão em papel jamais teve, e recebo e-mails diariamente de pessoas pedindo para inscrever-se na lista de aviso. O artista Francis Elliott<sup>5</sup> sugeriu também, quando soube que tínhamos de mudar para a versão *online*, que incluíssemos uma “capa” de artista, uma obra de arte em tamanho A4 para *download* gratuito, produzida por um artista convidado, à frente de cada edição a partir de então. Achei essa uma ideia brilhante e imediatamente pedi a ele para ser nosso primeiro artista, produzindo o apropriadamente intitulado *First Steps* (2010) para a edição nº 59, de agosto de 2010. Desde então, publicamos os trabalhos gratuitos de mais nove artistas: Mette-Sophie D. Ambeck, John Bently, Angie Butler, Guylaine Couture, Nicola Dale (figura II), Sharon Kivland, Christina Mitrentse, Dietmar Pfister e Emmanuelle Waeckerlé.

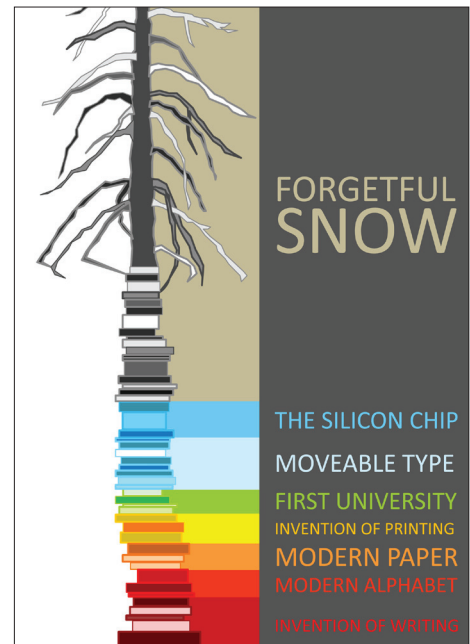
A revista especializada em livros de artista<sup>6</sup> *The Blue Notebook* tem agora cinco anos; nós a publicamos duas vezes ao ano, portanto

4 <http://www.bookarts.uwe.ac.uk/ban-gall10.htm>

5 <http://www.foundrypress.co.uk>

6 <http://www.bookarts.uwe.ac.uk/bnotebk.htm>

Figura II. *Seasons of The Book*, “capa de artista” da edição de dezembro de 2010 de *Book Arts Newsletter (BAN)* por Nicola Dale.



em outubro de 2011 tivemos nossa 11ª edição. Isso é extraordinário, visto que *The Blue Notebook* cessou de existir há dois anos. Este periódico tem sido o meu maior desafio, mas eu ainda estou muito feliz por termos começado com ele. Assim como muitas coisas acontecem, foi um comentário casual, em 2005, que me pôs a pensar. Cuidando de nossa estande em uma feira de livros, eu falava com a artista e escritora Sarah Jacobs<sup>7</sup> sobre suas dificuldades em encontrar um editor para seus escritos curtos experimentais a respeito de livros de artista; ela não encontrava um periódico onde eles se encaixassem. Nós concordamos que seria maravilhoso se houvesse uma publicação onde qualquer forma de escritos sobre livros de artista pudessem ser apresentados. “Bem, então você poderia lançar um periódico”, disse ela. Sim, eu pensei, nós poderíamos. Eu conversei sobre isso com Tom e nós demos início ao trabalho, montamos juntos uma equipe de pareceristas (Paulo Silveira concordando em ser um deles) com a mísera oferta de pagamento com um exemplar de cada edição, em troca de revisar um ensaio para cada edição. Pedimos a artistas e escritores para proporem ensaios e artigos, ou entrevistas, de acadêmicos a técnicos, contemporâneos ou históricos, experimentais ou narrativos, enfim, qualquer coisa relacionada a livros de artista. Isto não significava que aceitaríamos tudo, mas que queríamos escritores e sentir que eles poderiam escrever o que eles quisessem, ao invés de apenas refletir algum estilo em particular. Nós queríamos coisas que fossem novas, diferentes, fossem provocantes, ou mesmo divertidas. Nossa primeira edição foi lançada um ano depois daquela conversa inicial com, é claro, um ensaio de Sarah Jacobs entre suas páginas. Ao longo das onze edições, tivemos artigos de colaboração de autores da África do Sul, Austrália, Brasil, Cuba, Dinamarca, Estados Unidos, Havaí, Japão, Leste Europeu, Reino Unido e Suíça. Seus ensaios têm explorado temas tão diversos, que alguns deles incluem [títulos traduzidos]: “O exército do *Apartheid* como um inesperado incubador para livros de artista”; “Explorar o livro como um local para jogos eletrônicos e narração de histórias”; “A possibilidade da poesia: da revista *Migrant* aos livros de artista”; “A questão do fracasso em livros-obras”; “Decifrando o cromossoma humano 16: relatamos aqui”; “Uma análise crítica *queer* dos livros de artista”; “A ascensão do livro fotográfico na auto-publicação contemporânea”; “Usando ideias de Heidegger sobre a natureza do tempo e relacionando-as ao *Livro 91* de Keith Smith”; “Leitura como espreita, vagar furtivo”; “Quem se importa com onde vai o apóstrofo?: não participação na definição de *artists books* na Wikipédia”; “Leitura silenciosa: tipografia e linguagem de sinais”; “Allen Ruppersberg está em toda a parte”. Nós também temos tido relatos especiais sobre o estado da arte do livro e atividades no Brasil, Canadá, Coréia do Sul, Cuba, Escandinávia, Estados Unidos, Finlândia, Japão, Lituânia, Países Baixos e Ucrânia. Também temos publicado resenhas de exposições, projetos, conferências, simpósios e livros de artista, entrevistas com praticantes veteranos e artigos técnicos sobre tecnologia e procedimentos tais

<sup>7</sup> Breve biografia de Sarah Jacobs: [http://informationasmaterial.com/?page\\_id=79](http://informationasmaterial.com/?page_id=79)



como impressão por demanda, corte a laser, impressão com polpa de celulose, papel artesanal e impressão tipográfica. E como estamos constantemente à procura de mais colaboradores, por favor, entre em contato se você gostaria de propor algo. Mas, como se pode estar à procura de novos colaboradores para um periódico que cessou sua produção em 2009?

É mais ou menos assim. Ficamos tão entusiasmados com a publicação de um novo periódico que eu estupidamente esqueci que o departamento gráfico da universidade tinha a maquinaria adequada à produção de impressão digital. Nós sempre soubemos que nossa tiragem para cada edição seria muito pequena para lito, assim optamos pela impressão digital em preto e branco com uma capa colorida para manter os custos baixos. Eu também agreguei uma versão digital paralela do periódico em cores, para os assinantes que o acessam para visualização *online* ou para *download*. Nós encontramos a gráfica perfeita, obtivemos uma cotação e então os problemas começaram. Antes, nós teríamos quase sido autorizados a argumentar que a nossa tiragem era muito grande para a universidade, e assim seriam dadas permissões relutantes para se obter livros impressos externamente, mas desta vez o nosso pedido foi sabotado e veio o temido telefonema. Eu fui comunicada de que tínhamos que usar o departamento gráfico da universidade, e ponto. Entreguei os arquivos, eles me disseram o preço, que era o dobro do da gráfica externa e 100% além da nossa dotação proveniente das assinaturas. Argumentei que nós podíamos conseguir impressão mais barata fora e que não podíamos pagar este preço. Após três semanas batalhando, eles concordaram em imprimir pelo mesmo preço de uma gráfica externa. Eles, então, reformularam a revista, mudaram as páginas de artistas, especialmente concebidas, da frente para o final “porque lhes parecia melhor”, uma agora ficaria de cabeça para baixo, inseriram a logomarca vazada na arte da capa e imprimiram toda a tiragem sem uma prova sequer, e com uma tinta não-secante que fazia borrar as capas umas nas outras, e nas nossas mãos quando abríamos as caixas. Eu acho que chorei um pouco, e então eu as mandei de volta. Eles não ficaram nada felizes, mas concordaram com uma reimpressão. A edição finalmente ficou pronta e nós conseguimos lançá-la na feira do livro de outono (felizmente, eu tinha antecipado a incomodação e calculado tempo para muitos atrasos). A segunda edição também foi impressa por eles, Tom desenhou a capa novamente, desta vez usando uma fotografia de umas lixeiras transbordando com todas as cópias amassadas da desastrosa tiragem da primeira edição (fig. III). Eles não acharam graça. Fizemos mais uma tiragem para a terceira edição e decidiram dobrar o preço sem nos avisar; simplesmente tiraram o dinheiro de nossa conta, o que nos deixou no débito e com

Figura III. Capa da segunda edição da revista *The Blue Notebook* (v. 1, n. 2, abr. 2007), projetada pelo editor de arte Tom Sowden, fazendo referência a qualidade de impressão do primeiro número.

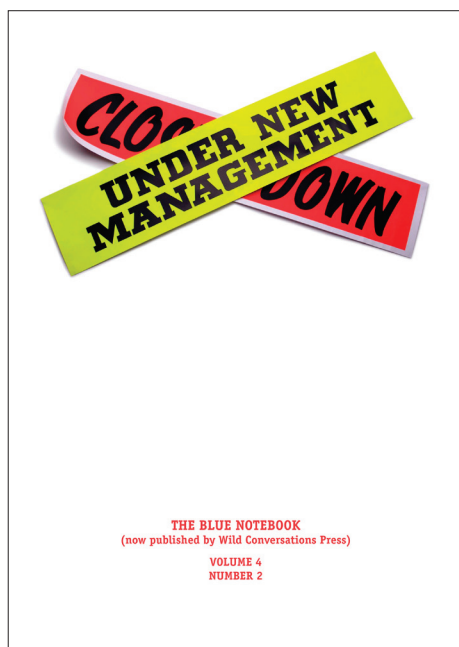


problemas. Já é o bastante, eu pensei, e requeri uma licença especial da universidade para utilizar a nossa gráfica original; esta foi concedida depois de muito pedir e explicar que nós não podíamos publicar um periódico que nos levasse 500 libras a cada impressão. Nós havíamos vencido, e baixamos a guarda. Depois de outras duas edições deliciosamente tranquilas, impressas fora como queríamos, e dentro do prazo, e de volta ao custo inicial que nos levou ao ponto de equilíbrio, tudo estava perfeito, publicar era um sonho!

Tão logo a edição seguinte tinha sido distribuída o telefone tocou, o chefe do departamento gráfico me avisou que o acordo acabara: “Você agora tem duas opções, ou nós o imprimimos e cobramos de você o que queremos, ou a próxima absolutamente não será impressa”. Para mim, isso não parecia muito uma escolha, então eu disse que nesse caso teríamos que encerrar a publicação, já que não nos seria permitido publicar qualquer coisa que custasse 500 libras por edição, isso simplesmente não fazia sentido, e era um desperdício de dinheiro. Sendo muito teimosa, e estando agora também chateada e um tanto zangada, eu comecei a pensar nisto como uma guerra e não como uma derrota; talvez não bem uma guerra, mas algo semelhante à resistência; subterfúgio. A revista estava andando bem, não tínhamos (e ainda não temos) muitos assinantes, mas podíamos imprimi-la e postá-la por exatamente a mesma quantia de dinheiro que recebíamos daqueles assinantes, que era tudo o que sempre desejávamos, e considerávamos o fato um sucesso em si

mesmo. Até agora, nós também tínhamos assinaturas de faculdades, estudantes a tinham em suas listas de leitura, nós tínhamos artigos prontos para a edição seguinte, e eu não queria desapontar ninguém; assim, eu desliguei da tomada e desabafei internamente que nós havíamos oficialmente cessado a publicação. Temos um amigo que tem o seu próprio selo editorial, assim imediatamente nos ligamos a ele como nosso editor externo, que paga a impressão, que traz ela até nós de carro e em caixas sem marcas (sim, verdade), e o resto eu não posso contar. Eu não sei se algum dos nossos leitores prestou atenção ao detalhe da troca de detalhes de publicação no colofão, mas eles devem ter notado o projeto da capa de Tom para a edição número 8, com os dizeres “encerrando” e “sob nova gerência” (fig. IV). Eu sei que não é preciso ser um grande detetive para perceber que nós ainda fazemos publicar um periódico, mas se ninguém está à procura dessa informação, esperemos então que eles não sintam a necessidade de achá-la. Também não sei quanto tempo nosso plano atual vai durar, mas se este cair por terra, nós vamos ter que pensar em outro, e pensaremos. Certos dias eu até aprecio a batalha, de um jeito sádico.

Figura IV. Capa da oitava edição da revista *The Blue Notebook* (v. 4, n. 2, abr. 2010), projetada pelo editor de arte Tom Sowden, aludindo a sua ruína interna e renascimento externo.





Enquanto recebo cada tiragem de publicação que chega das nossas gráficas externas, e penso em todas as noites insones que eu passei me preocupando em obter o trabalho impresso, e distribuí-lo como devia ser, e sem intervenções, eu fico sempre a lembrar o quanto minhas batalhas são pequenas comparadas a outras, e compreendo que o que pode parecer uma luta colossal para mim, não é na verdade nada dentro do grande esquema das coisas. Em junho de 2008, Tom Sowden e eu tivemos a honra e o prazer de entrevistar Janusz Pawel Tryzno e Jadwiga Tryzno em seu Book Art Museum, em Łódź, Polônia,<sup>8</sup> com a ajuda e tradução do escritor Radoslaw Nowakowski. Eles têm publicado livros de artista como CdA Press (Correspondence des Arts) e edições de luxo durante 31 anos. Até as mudanças políticas na Polônia no início dos anos 1990, eles produziram todas suas publicações clandestinamente; eram espionados por agentes civis da polícia política; manufaturavam ilicitamente seu próprio papel para impressão, a partir de resíduos obtidos secretamente, descartados pela indústria têxtil; recolhiam máquinas abandonadas para reparar e usar; contrabandeavam peças para consertá-las e tinta para imprimir; e dessa forma imprimindo seus livros de forma ilegal por vinte anos. Eles têm, inclusive, tido que batalhar com as autoridades para ocupar seu edifício desde então, tanto que têm um enorme livro escultural em seu vestibulo (que lembra a balança da justiça), feito de dois blocos formados por documentos de e para as autoridades, um de cada lado. Sua engenhosidade, compromisso com o que fazem e determinação em fazê-lo a qualquer custo são admiráveis. Eles nunca vão desistir, e eu espero que eu também jamais o faça.

8

Um transcrito de nossa entrevista com Janusz Pawel Tryzno, Jadwiga Tryzno e Radoslaw Nowakowski no Book Art Museum Łódź, está disponível para download em: <http://www.bookarts.uwe.ac.uk/tryznos.htm>  
<http://www.book.art.pl>



## SARAH BODMAN

Artista e Bolsista Sênior de Pesquisa para Livros de Artistas no Centre for Fine Print Research (CFPR), University of the West of England, Bristol, Reino Unido, onde desenvolve projetos investigando e promovendo *book arts* contemporâneos. É editora do Artist's Book Yearbook e The Blue Notebook, periódico para livros de artistas. Ela escreve sobre livros de artistas para periódicos nacionais e internacionais que incluem colunas regulares para o ARLIS UK e o Ireland News-Sheet, e para o Printmaking Today. Sarah é a autora de Creating Artists' Books (A&C Black, UK and Watson-Guption, USA). Contatos e informações: [sarah.bodman@uwe.ac.uk](mailto:sarah.bodman@uwe.ac.uk); [www.bookarts.uwe.ac.uk](http://www.bookarts.uwe.ac.uk).

